

A IMPORTÂNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO
NO CURSO DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE
ABRANGIDOS PELO PROFAE

COSTA, Rosana dos Santos.
MORAES, Eronice Ribeiro de.
VELOSO, Laurimary Caminha.

RESUMO

O curso de formação dos profissionais de saúde abrangidos pelo PROFAE visa formar trabalhadores para exercer não somente atividades técnicas, mas também para compreender a importância social do seu trabalho, ou seja, formar sujeitos críticos, criativos e autônomos. Se a ação de aprender é capaz de provocar tais modificações, então a ação educativa se torna o alvo do processo de ensino-aprendizagem. Sendo a avaliação uma atividade intrínseca e indissociável a qualquer tipo de ação que vise provocar mudanças, ela não pode e não deve ser entendida como um momento de processo, mas como um instrumento que se fará permanente ao longo do mesmo. Partindo dessa postura, o presente artigo percorre um caminho de reflexão a respeito de um dos fatores primordiais para o desenvolvimento de uma educação comprometida com a competência, a ética o compromisso e a dimensão coletiva de fazer o ato educativo de forma sistematizada e voltada para a emancipação do educando, do cidadão e do profissional. Esse fator a que fazemos alusão é o processo de avaliação.

Palavras chave: Avaliação – Processo Ensino-Aprendizagem – Educando.

THE IMPORTANCE AND THE MEANING OF THE PROCESS OF
EVALUATION IN THE COURSE OF FORMATION OF THE
PROFESSIONALS OF HEALTH ENCLOSED BY THE PROFAB

COSTA, Rosana dos Santos
MORAES, Eronice Ribeiro de
VELOSO, Laurimary Caminha

ABSTRACT

The course of the professionals' of health formation embraced by PROFAB, seeks to form workers to exercise not only technical activities but also to understand the social importance of its work, that is to say, to form critical, creative and autonomous subjects. If the action of learning is capable to provoke such modifications, then the educational action becomes the objective of the teaching-learning process. Being the evaluation an intrinsic and inseparable activity to any action type that seeks to provoke changes, she cannot and it should not be understood as a moment of process, but as an instrument that will make her permanent along the same. Leaving of that posture, the present article travels one on the way to reflection regarding one of the primordial factors for the development of an education committed with the competence, the ethics the commitment and the collective dimension of doing the educational act in a systematized way and gone back to the emancipation of the educating, of the citizen and of the professional. That factor the one that makes allusion it is the evaluation process.

Key Words: evaluation – I process teaching-learning – educating.

A IMPORTÂNCIA E O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO
NO CURSO DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE
ABRANGIDOS PELO PROF AE

COSTA, Rosana dos Santos.
MORAES, Eronice Ribeiro de.
VELOSO, Laurimary Caminha .

É por demais difundida a idéia de que a educação é um fenômeno inerente à condição humana. Isso, inicialmente, nos conduz à compreensão de que para interpretarmos a natureza da educação faz-se necessária a análise da própria natureza humana.

Partindo dessa postura é que estamos nos propondo ao longo do presente artigo, percorrermos um caminho de reflexão a respeito de um dos fatores primordiais para o desenvolvimento de uma educação comprometida com a competência, a ética, o compromisso e a dimensão coletiva do fazer o ato educativo de forma sistematizada e voltada para a emancipação do educando, do cidadão e do profissional. Esse fator a que fazemos alusão é o processo de avaliação.

A razão fundamental dessa nossa tarefa é demonstrarmos aqui a significativa contribuição que obtivemos no nosso processo pessoal de participação no curso de “Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem”, enfatizando, especialmente, a clareza das idéias que nos foram apresentadas no conteúdo programático utilizado no curso, bem como os recursos bibliográficos dos quais lançamos mão para a produção das idéias que desenvolveremos no corpo deste referido artigo.

O curso supracitado é resultado da política de valorização da formação continuada dos profissionais de saúde da área de enfermagem que participam do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem –

PROFAE, cuja gestão está resguardada ao poder de atuação do Ministério da Saúde do Brasil.

Considerando, portanto, que o objetivo principal do PROFAE é a garantia de uma melhor qualidade no trabalho ambulatorial e hospitalar e, ao mesmo tempo, viabilizar àqueles que necessitam do Sistema Único de Saúde uma assistência verdadeiramente humana e com significativa qualidade, é que queremos chamar a atenção para uma merecida preocupação para com a nossa capacidade de desenvolvermos processos avaliativos que concorram para a conquista do objetivo estabelecido à luz das intenções do PROFAE.

Nesse propósito é que queremos trilhar um rápido, mas nem por isso pobre ou impreciso, diálogo a respeito do significado e da importância da avaliação no desenvolvimento de uma postura educacional que queira priorizar a maximização das potencialidades alusivas ao trabalho dos profissionais da área de saúde, especialmente aquele que diz respeito à área da Enfermagem.

Assim sendo, e retornando à nossa idéia inicial, existe uma natureza e uma especificidade para o processo de avaliação de um dado fenômeno?

A vasta bibliografia a que pudemos recorrer para travarmos essa discussão parece nos fazer crer que sim. E a justificativa para o sentido positivo da resposta estaria nas próprias correntes de pensamento que possibilitaram inúmeros modelos de educação para a História da humanidade, bem como na grande quantidade de estratégias de avaliação que foram sendo produzidas como reflexo da complexidade de cada realidade analisada.

Ora, se a natureza que identifica a condição humana é a intencionalidade voltada para a transformação do meio natural, como forma de permitir a própria formação e a transformação da cultura, e a natureza da educação é condizente com a própria natureza humana, convertendo-se em “uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI: 1984), torna-se mister compreendermos que a avaliação na vida, em seu sentido lato, e mais ainda na atuação formal do fazer educativo, é uma condição *sine qua non*, como nos informam Carvalho (1987) e Hayoat (1995), para dimensionar a distância existente entre as intenções de nossos projetos e os resultados com os quais já nos deparamos, seja em condições iniciais, intermediárias ou de conclusão de um dado processo.

A presença da avaliação no cotidiano da vida humana pode, de forma simbólica, ser demonstrada por meio do belo poema “O Retrato”, da poetisa brasileira Cecília Meireles:

Eu não tinha o rosto de hoje,
Assim tão calmo, assim tão triste, assim tão magro.
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio tão amargo.
Eu não tinha estas mãos tão sem força,
Tão paradas e frias e mortas,
Eu não tinha este coração
Que não se mostra
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil.
Em que espelho ficou perdida minha face?

A essência dos sentimentos da poetisa é reveladora de que a vida nos impõe a necessidade de julgamentos. E tais julgamentos são em si expressões da nossa capacidade de julgarmos situações a serem analisadas em função de critérios ou de parâmetros que socialmente foram produzidos, independentemente do alcance dos mesmos para o universo de acontecimentos que abrangem a vida humana.

Se assim o é para as interpelações do senso comum, mais ainda o será para um processo de intervenção direta de um conjunto de profissionais que têm um trabalho a realizar sob a ótica de um referencial educativo específico.

A própria História da Educação brasileira nos é reveladora dessa assertiva. Para isso basta verificarmos o salto qualitativo e, de certa forma, também quantitativo, dos modelos de avaliação que foram produzidos ou dos próprios instrumentos dos quais os educadores puderam e podem se utilizar para o acompanhamento do ensino e do aprendizado já construído ou a ser construído no país.

A avaliação é uma atividade intrínseca e indissociável a qualquer tipo de ação que vise provocar mudanças. Nesse sentido a avaliação é uma atividade constituinte da ação educativa, quer nos refiramos à avaliação do projeto educativo, avaliação do ensino ou à avaliação de aprendizagem.

Ao se constituir em reflexão da ação, nesse caso da ação de caráter educativo, podemos deduzir que a avaliação torna-se possibilidade de superação da própria ação e que, se permanente, provocará mudanças na ação educativa, rumo à efetivação de sua intencionalidade.

Se a ação educativa pretende provocar mudanças nos sujeitos nela e por ela envolvidos, interferindo na aprendizagem destes e se a ação de aprender se torna capaz de provocar tais modificações, em outras palavras, se é na aprendizagem que se efetiva e objetiva a intencionalidade da ação educativa, então a avaliação da ação de aprender deve refletir tal intencionalidade. Assim, a avaliação passa a ser um instrumento da intencionalidade educativa, não um mero momento da constatação desta.

A aprendizagem deve possibilitar ao indivíduo sua inserção num contexto social concreto, deve contribuir para o desenvolvimento humano, de maneira reflexiva, crítica, criativa. Nesse raciocínio devemos também inserir a função da avaliação da aprendizagem, da avaliação institucional ou da auto-avaliação como o elo entre objetivos e conteúdos e sua intencionalidade no processo de socialização. Assim a avaliação assumirá a característica de ser uma ação presente em todo o processo. Ela não pode e não deve ser entendida como um momento do processo, mas como um instrumento que se fará permanente ao longo do mesmo, mais ainda, a avaliação torna-se um instrumento a serviço da intencionalidade educativa, ou um instrumento da aprendizagem, pois é nela, na aprendizagem, que se efetiva ou não a intencionalidade.

Um dos exemplos mais significativos de intencionalidade subjacente a uma determinada visão de educação e de avaliação pode ser constatado no modelo de educação praticado pela Companhia de Jesus, que no período colonial restringia a dimensão da avaliação à postura da memorização e da repetição das “lições” transmitidas pelos preceptores, seguindo os passos definidos pela *Ratio Studiorum*. Mas que atualmente nos chama a atenção para a sua nova leitura diante da construção dos processos de avaliação condizentes com uma realidade muito distinta e complexa nos dias contemporâneos. Em vista disso é que a referida companhia formulou o chamado Paradigma Pedagógico Inaciano, que fundamenta suas intervenções pedagógicas a partir da compreensão de um caminho relacionado à

análise de um *contexto*, a identificação das *experiências* produzidas no referido contexto, a *reflexão* a respeito dessas experiências no contexto em que se vive, a *ação* a ser realizada com o propósito de alterar o que é desfavorável ou de garantir o que é favorável no contexto e a *avaliação*, como instrumento que permite apreciar o significado das ações adotadas no contexto.

É a partir de aprendizados como esses que podemos comprovar a dinamicidade do fenômeno educativo e, por extensão, da avaliação, enquanto construções intencionais humanas. No entanto, é preciso enfatizar que não é qualquer intencionalidade que nos interessa, levando-nos sempre a fazer opção por um tipo de formação, conseqüentemente por um tipo determinado de sujeito. Quando a opção é de formarmos sujeitos críticos, criativos, autônomos, capazes de pensarem e agirem por si sós, de transformarem-se, transformando suas relações interpessoais e sociais, construindo-se como indivíduos e seres sociais, há que se refletir sobre o tipo de ação educativa que pode contribuir para sua formação, ou o tipo de aprendizagem que eles deverão empreender para construírem-se como tal.

Identificada a intencionalidade que nos interessa, é necessária a atenção capaz de distinguir a diferença entre o processo de medir e o processo de avaliar.

De acordo com Mediano (1977), “medir é o ato de colher informações e ordená-las, levando em conta seu aspecto quantitativo, numérico”.

A medida em educação procura descrever quantitativamente o grau em que o aluno dominou determinados objetivos. É simplesmente uma descrição quantitativa do comportamento do aluno. Não inclui descrições qualitativas nem juízos de valor.

A avaliação, por sua vez, é um processo mais amplo que a medida. Enquanto esta se limita a descrições quantitativas, a avaliação pode utilizar tanto descrições quantitativas como qualitativas, ou ambas.

De acordo ainda com Mediano (1977), ao citar Bloom et alii (1971), a avaliação pode ser agrupada em três modelos: somativa, formativa e diagnóstica.

A avaliação somativa é aquela que ocorre ao final de um curso, de um semestre ou de um determinado espaço de tempo. Sua principal característica é a de se realizar ao término de algum período, com a finalidade de proporcionar uma nota ou um conceito.

A avaliação formativa é a que ocorre durante o processo do ensino e da aprendizagem. Constitui-se de testes ou outros instrumentos rápidos que visam, ministrados periodicamente, a verificar se a aprendizagem está realmente ocorrendo.

A avaliação como diagnóstico tem diferente objetivo e é usada em diferentes momentos do processo ensino e aprendizagem. Se usada antes do início do processo, pode servir para localizar o aluno no melhor ponto de partida num curso ou numa unidade de ensino, isto é, mede seu comportamento de entrada. Se utilizada durante o processo de aprendizagem, permite que o professor, ao perceber que o aluno está apresentando dificuldades, proporcione-lhe recuperação, modificando suas técnicas de ensino, usando material diferente, dando-lhe um tratamento individualizado. Se utilizada ao final do processo, auxiliando a avaliação somativa, é preciso ser feita com muito cuidado, pois os resultados de avaliações somativas só devem ser usados como diagnóstico quando se dispõe das provas para serem analisadas e interpretadas.

Considerando essas idéias iniciais a respeito da importância e do significado do processo de avaliação intrínseco ao processo educativo que se quer construir, cabe-nos questionar acerca dos instrumentos ou técnicas que concorrerão para a vivência de uma avaliação condizente com a visão de educação que é abrangida pela nossa visão de mundo.

Como a avaliação é um dos elementos do processo de ensino e aprendizagem, suas formas serão tão diversificados quantos forem os objetivos do processo. Para que a avaliação cumpra a função de auxiliar o aluno a se autoconhecer através de uma reflexão conjunta com o professor, a aprender a se auto-analisar e a buscar novos caminhos para o prosseguimento do processo de construção do conhecimento, são necessários recursos técnicos adequados aos objetivos que se pretende alcançar, como por exemplo as técnicas sugeridas por Melchior (1994), representadas pela técnica da observação, a técnica da testagem e a técnica da auto-avaliação, que devido às limitações deste artigo não poderemos descrevê-las, mas que poderão ser consultadas diretamente na fonte bibliográfica indicada.

E no caso particular dos objetivos circunscritos à abrangência do PROFAB, qual deveria ser a compreensão do processo de avaliação que mereceria ser praticado? Que estratégias, técnicas ou recursos deveriam ser utilizados?

Entendemos, não obstante a especificidade do trabalho dos profissionais da área de saúde, que a mesma noção correspondente a uma experiência de educação que liberte, que viabilize a emancipação individual e coletiva, que qualifique eficientemente os profissionais, que ajude a dimensionar a função social do cidadão e do técnico que irão agir no bojo da sociedade, deverá também ser a noção que fundamente as diretrizes circunscritas ao programa de ensino formulado pelo PROFAE, bem como, e por extensão, dos agentes educacionais que serão os responsáveis pelas estratégias de ensino no desdobramento da programação de ensino a ser executada.

Sabendo, portanto, que o público a que se destina o curso elaborado pelo PROFAE é representado pelos profissionais de saúde, na condição de agentes comunitários de saúde ou de atendentes de enfermagem, que buscam uma qualificação para o exercício da profissão de auxiliar de enfermagem, é necessário, obviamente, que os fundamentos do processo de avaliação a ser experienciado no curso em questão viabilizem a esses futuros profissionais a compreensão da importância social do seu trabalho, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da comunidade em que atuem, bem como para o próprio progresso das ações por eles praticadas na assistência ambulatorial ou hospitalar a que eles estejam vinculados.

A experiência da avaliação vista nessa dimensão nos fornecerá, acreditamos, uma maior capacidade de intervenção no processo educativo e resultará, inevitavelmente, em atributos eficientes apropriados pelos receptores do processo de formação. Isso, por sua vez, reforçará nos mesmos a sensação da certeza de que serão competentes tecnicamente e, simultaneamente, compreenderão a dimensão humana do trabalho que necessitam operacionalizar no campo efetivo de atuação dos profissionais de saúde.

Desta feita, é preciso que os programas de ensino elaborados pelo PROFAE reforcem continuamente as competências representadas pelo conjunto de saberes, pelo saber-fazer, pelo saber sobre si, pelo saber sobre o outro, pela criatividade em desenvolver atividades de maneira autônoma, planejando-as, implementando-as e avaliando-as. Que sejam também capazes de orientar a utilização dos conhecimentos e das habilidades adquiridas para o exercício da condição de profissional da área de

saúde. É preciso ainda que se proporcione situações onde estejam presentes a exigência da prática de habilidades cognitivas, motoras e atitudinais.

Finalmente, acreditamos que a eficiência e a eficácia do processo de avaliação são condizentes com a eficiência e a eficácia de estudos reveladores da natureza e da especificidade da educação e da condição de humanidade. É por isso que precisamos definir nossas intencionalidades, reconhecer os limites imediatos das nossas ações, identificar os critérios que abrangem o processo de avaliação, mas, ao mesmo tempo, alçar vãos que nos permitam construir experiências libertadoras e causadoras de sensações de felicidade na condição de profissionais da área de saúde e, acima de tudo, de cidadãos. A propósito, como recurso de reflexão que não encerra, mas nos estimula à continuidade das nossas abordagens em relação ao tema em questão, gostaríamos de fazer referência a uma crônica de Luiz Fernando Veríssimo publicada na Revista Veja no ano de 1989, intitulada “Critério”:

Os naufragos de um transatlântico, dentro de um barco salva-vidas perdido em alto-mar, tinham comido as últimas bolachas e contemplavam a antropofagia como único meio de sobrevivência.

_ Mulheres primeiro – propôs um cavaleiro.

A proposta foi rebatida com veemência pelas mulheres.

Mas estava posta a questão: que critério usar para decidir quem

Seria sacrificado primeiro para que os outros não morressem de Fome?

_ Primeiro os mais velhos – sugeriu um jovem.

Os mais velhos imediatamente se uniram num protesto.

Falta de respeito!

_ É mesmo – disse um – somos difíceis de mastigar.

Por que não os mais jovens, sempre tão dispostos a gestos mais Nobres?

_ Somos, teoricamente, os que têm mais tempo para viver – disse um jovem.

_ E vocês precisarão de nossa força nos remos e dos nossos olhos para avistar a terra – disse outro.

_ Então os mais gordos e apetitosos.

_ Injustiça! – gritou um gordo. Temos mais calorias acumuladas e, portanto, mais probabilidade de sobreviver de forma natural do que os outros.

_ Os mais magros?

_ Nem pense nisso – disse um magro, em nome dos demais.

_ Somos pouco nutritivos.

_ Os mais contemplativos e líricos?

*_ E quem entreterá vocês com histórias e versos enquanto o salvamento não chega?
– perguntou um poeta.*

_ Os mais metafísicos?

_ Não esqueçam que só nós temos um canal aberto para lá – disse um metafísico, apontando para o alto – e que se pode tornar vital, se nada mais der certo. Era um dilema.

É preciso dizer que esta discussão se dava num canto do barco salva-vidas, ocupado pelo pequeno grupo de passageiros de primeira classe do transatlântico, sob os olhares dos passageiros de segunda e terceira classe, que ocupavam todo o resto da embarcação e não diziam nada. Até que um deles perdeu a paciência e, já que a fome era grande, inquiriu:

_ Cumé?

Recebeu os olhares de censura da primeira classe. Mas como estavam todos, literalmente no mesmo barco, também recebeu uma explicação.

_ Estamos indecisos sobre o critério a utilizar.

_ Pois eu tenho um critério – disse o passageiro de Segunda.

_ Qual é?

_ Primeiro os indecisos.

Esta proposta causou um reboliço na primeira classe acuada. Um dos seus teóricos levantou-se e pediu:

_ Não vamos ideologizar a questão, pessoal.

Em seguida levantou-se um ajudante de maquinista e pediu calma.

Queria falar.

_ Náufragos – começou. Neste barco só existe uma divisão real, e é a única que conta quando a situação chega neste ponto. Não é entre velhos e jovens, gordos e magros, poetas e atletas, crentes e ateus. É entre a minoria e a maioria.

E, apontando para a primeira classe, gritou:

_ Vamos comer a minoria!

Novo rebuliço. Protestos. Revanchismo não! Mas a maioria avançou sobre a minoria. A primeira não era a primeira em tudo? Foi quando se lembraram de chamar o Natalino – chefe da cozinha do transatlântico.

E o Natalino pôs-se a examinar as provisões, apertando uma perna aqui, uma costela ali, com a empáfia de quem sabia de que era o único indispensável a bordo.

O fim desta pequena história admonitória é que, com toda a agitação, o barco salva-vidas virou e todos, sem distinção de classes, foram devorados pelos tubarões que, como se sabe, não têm nenhum critério.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

1. **BRASIL. Ministério da Saúde.** Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: **Enfermagem.** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2000. Módulos de 1 a 11.
2. **CARVALHO, Anna Maria Pessoa de.** Prática de Ensino: Os Estágios na Formação do Professor. 2.ed. São Paulo: Livraria pioneira, 1987.
3. **HAYOAT, Regina Cazaux.** A Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.p. 5-12.
4. **MEDIANO, Zélia.** Módulos Instrucionais para Medidas e Avaliação em Educação. Rio de Janeiro: F.Alves. 1977.

5. MELCHIOR, M. C. Técnicas Utilizadas na Avaliação Escolar. In:____. Avaliação Pedagógica: Função e Necessidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p. 75-127.
6. SAVIANI, Dermeval. Natureza e Especificidade da Educação. Em Aberto, Brasília, DF,1984, n. 22.
7. VERÍSSIMO, Luiz Fernando. Critério. Veja, Rio de Janeiro, ano 35, n.24, Jun.1989.